



# Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli | ISSN 2316-1663 | V.2, N.1 | Jan. Jun. 2013

## SIGNO IDEOLÓGICO, SUBJETIVIDADE E DISCURSO DE OUTREM: UM ESTUDO SOBRE A TEORIA ENUNCIATIVA DE BAKHTIN E O CÍRCULO



## IDEOLOGICAL SIGN, SUBJECTIVITY AND DISCOURSE OF OTHERS: A STUDY ABOUT THE ENUNCIATIVE THEORY OF BAKHTIN AND THE

GREGÓRIO PEREIRA DE VASCONCELOS  
UFPB, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 11/05/2013 • APROVADO EM 20/07/2013

---

### Abstract

---

This study presents reflections about the enunciative theory from Bakhtin and the Circle, considering the view of Bakhtin/Volochínov ([1929] 2010) and Bakhtin ([1979] 2010) about aspects which can not be reduced only to an abstract system, enhancing the social-historical side of language and conceiving the statement as a product of the interaction between socially organized subjects. Thus, we discuss the relation between the ideological sign and the human conscience, perceiving how it reflects and refracts the heterogeneous reality, in constant transformation, where the subject lives. We come to subjectivity and alterity, considering the existence of the concrete subject, which uniqueness emerges in the action, in his responsible act. Finally, we speak about the discourse of others, reflecting about how the subject's discourse is constituted in the social environment, through the uninterrupted way of dialogical and valorative interactions with others discourses and subjects.

Este trabalho apresenta reflexões acerca da teoria enunciativa de Bakhtin e o Círculo, considerando o olhar de Bakhtin/Volochínov ([1929] 2010) e Bakhtin ([1979] 2010) diante de aspectos que não podem ser reduzidos apenas a um sistema linguístico, ressaltando o lado sócio-histórico da linguagem e concebendo o enunciado enquanto produto da interação entre sujeitos socialmente organizados. Para tanto, discutimos a relação entre o signo ideológico e a consciência humana, percebendo como ele reflete e refrata a realidade heterogênea, em constante transformação, onde vive o sujeito. Discorreremos sobre subjetividade e alteridade, considerando a existência do sujeito concreto, cuja unicidade emerge na ação, no seu ato responsável. Abordamos, ainda, o discurso de outrem, refletindo sobre as formas como o discurso do indivíduo se constitui no meio social, pela via ininterrupta das interações dialógicas e valorativas com outros discursos e sujeitos.

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Ideological sign. Subjectivity. Discourse of others.

**PALAVRAS CHAVE:** Signo ideológico. Subjetividade. Discurso de outrem.

---

## Texto integral

---

O pensamento linguístico contemporâneo recebeu grandes contribuições de Bakhtin e o Círculo, com o desenvolvimento de uma filosofia de base marxista e o modo de tratar a linguagem enquanto uma atividade social, por onde os indivíduos são constituídos na relação com a alteridade, de forma dialética.

Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem (MFL)*, ao se opor às orientações linguísticas do subjetivismo idealista e do objetivismo abstrato, Bakhtin/Volochínov esclarece que a estrutura mental do sujeito e a enunciação são de origem social, bem como os processos interativos que constituem toda a cadeia verbal social (SILVA; VASCONCELOS; MORAIS, 2011).

Dessa forma, Bakhtin/Volochínov propõe o desenvolvimento de leituras em torno das relações ideológicas que percorrem toda a estrutura social, investigando como as inter-relações entre sujeitos podem ser analisadas com base nas condições de existência da pessoa humana.

É possível observar, em Bakhtin, não uma ligação entre o racionalismo cartesiano e o aspecto criativo da linguagem, mas entre o racionalismo cartesiano e as posições que expressam as forças conservadoras da unificação e da centralização ideológico-verbais (PONZIO, 2010).

Abordar todas as questões que perpassam os diálogos entre Bakhtin e o Círculo com o marxismo e demonstrar a rede filosófica complexa e abrangente que

constitui as suas ideias, naturalmente ultrapassa a esfera dos nossos objetivos no presente estudo.

Nesse contexto, este trabalho apresenta reflexões sobre o olhar de Bakhtin/Volochínov ([1929] 2010) e Bakhtin ([1979] 2010) diante de aspectos que não podem ser reduzidos apenas a um sistema linguístico, ressaltando o lado sócio-histórico da linguagem e percebendo o enunciado como produto da interação entre sujeitos socialmente organizados.

Nessa perspectiva, discutiremos a relação entre o signo ideológico e a consciência humana, percebendo como ele reflete e refrata a realidade heterogênea, em constante transformação, onde vive o sujeito. Discorreremos sobre subjetividade e alteridade, aspectos fundamentais no pensamento enunciativo de Bakhtin e o Círculo. Abordaremos o discurso de outrem no âmbito da teoria dialógica bakhtiniana. Apresentaremos, então, nossas considerações finais acerca deste trabalho.

### **Signo ideológico e consciência humana**

As ideias de Bakhtin e o Círculo possuem bases essencialmente filosóficas. É possível constatar, nos pressupostos, no método e no alcance do pensamento desse Círculo Dialógico, um fundo filosófico comum, que recusa tanto idealismos como objetivismos (SOBRAL, 2010). É importante ressaltar o fato de Bakhtin/Volochínov elaborar, já em 1929, conceitos fundamentais ao materialismo histórico e dialético, ou seja, para a filosofia da práxis (ZANDWAIS, 2010).

Em Marxismo e filosofia da Linguagem, o funcionamento do signo ideológico é explicado por Bakhtin/Volochínov pela via das relações entre consciência, ideologia e linguagem. Tudo que é ideológico faz parte de uma realidade e remete a algo que se encontra no mundo exterior, cujo significado se constitui ao refletir e refratar outra realidade.

“Tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN/VOLOCHNÍNOV [1929], 2010, p.31). O universo particular dos signos pode ser encontrado nos fenômenos naturais, nos instrumentos tecnológicos, nos artigos de consumo, entre outros. Entretanto, o autor afirma que em si mesmo, um instrumento de produção, por exemplo, não possui sentido exato, além da função que ele desempenha no processo de produção.

No pensamento bakhtiniano, os signos remetem a uma realidade que lhes é externa, envoltos em uma amplitude heterogênea de discursos constituídos pelas diversas vozes sociais. Por constituir um fragmento material da realidade, a significação do signo pode ser reconhecida considerando as suas diversas interpretações conforme as respectivas situações de produção.

Em MFL, Bakhtin/Volochínov cita o exemplo da foice e do martelo no contexto da União Soviética para explicar que somente quando um instrumento de produção adquire valor ideológico ele passa a ser visto como signo. Além disso, ele argumenta que essa associação não exclui a margem que demarca o espaço do objeto e da própria ideologia atribuída a ele pelo meio social.

Nessa linha de raciocínio, vale ressaltar que se um signo, ao refletir x, refrata y, é porque a realidade é apreendida pelos sujeitos de um modo específico, de acordo com as suas experiências de vida. E aí se encontra a dialética da assimetria entre significante e significado, já que a realidade concreta faz as relações entre sujeitos e significantes serem apreendidas desigualmente (ZANDWAIS, 2010).

Para Bakhtin/Volochínov, os valores da palavra são construídos por meio das relações sociais que evidenciam a sua função ideológica. Desse modo,

Se a forma linguística pode ser considerada estruturante do signo ideológico como seu corpo material, aquilo que ele “vale”, seu sentido, o modo como o real se reflete através dele é sempre determinado enquanto uma “força produtiva” que “deita suas raízes no vivido”, no meio social e histórico em que os sujeitos interagem, estruturando, ao mesmo tempo, o que denominamos de consciência. (ZANDWAIS, 2010, p.109).

A filosofia idealista e a visão psicologista criticadas por Bakhtin/Volochínov situam a ideologia no âmbito da consciência individual, onde a exterioridade do signo constitui apenas um revestimento para possibilitar a sua compreensão. Por outro lado, ele argumenta que todo enunciado possui origem sócio-ideológica, e assim como a consciência do sujeito não emerge apenas do seu psiquismo, a ideologia não se constitui somente a partir da consciência individual.

Afinal, compreender um signo consiste em aproximá-lo de outros já conhecidos, ou seja, a compreensão decorre da resposta a um signo por meio de signos, ligando uma consciência à outra. Desse modo, a consciência do sujeito está sempre aberta a inter-relações com outros discursos e sujeitos, onde ela se constitui e evidencia-se a sua própria individualidade.

Por isso, ao situar a ideologia na consciência individual, a filosofia idealista e o psicologismo cometem o mesmo equívoco: transformam o estudo das ideologias em um estudo da consciência e de suas leis (BAKHIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010). Em outras palavras, conforme esse posicionamento, a realidade da língua não pode ser compreendida sob o ponto de vista objetivo, sincrônico, por regras estáveis e imutáveis, pois o acabamento das formas inerentes ao sistema linguístico não é suficiente para garantir o desenvolvimento da interação verbal entre sujeitos.

Essa perspectiva abstrata não contempla o processo de evolução das línguas. A intenção do objetivismo abstrato é descrever, de forma sincrônica, o funcionamento das línguas em um determinado recorte do tempo. No entanto, apesar de suas limitações, essa postura contribuiu, significativamente, para o progresso da linguística enquanto ciência.

Portanto, os pressupostos bakhtinianos defendem que o psiquismo do sujeito é constituído pelo meio social que funciona como centro organizador das formas de expressão do conteúdo ideológico verbal. Esta noção que veicula o signo

à consciência individual desconstrói a ideia do sujeito idealista e refuta os princípios do objetivismo abstrato. A visão de subjetividade abordada no decorrer deste trabalho ressalta que o sujeito é uma função das forças sociais e apenas se constrói por meio dos signos ideológicos e das inter-relações com outrem.

Para Bakhtin/Volochínov, não basta colocar dois homo sapiens face a face para os signos se constituírem, pois o verdadeiro lugar da ideologia é a esfera interindividual dos signos criados por indivíduos organizados socialmente, servindo-lhes como meio para comunicação. A compreensão deste fato é importante para a construção de uma psicologia objetiva e para um estudo objetivo das ideologias.

A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. O estudo das ideologias não depende em nada da psicologia e não tem nenhuma necessidade dela. Ao contrário, o estudo das ideologias deve servir de apoio para o desenvolvimento da própria psicologia objetiva (BAKHIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010).

Assim, a natureza de todos os signos ideológicos consiste na materialização da comunicação verbal; o signo abrange toda a realidade da palavra que é percebida como o elemento revelador das formas ideológicas dessa comunicação social.

Nessa linha de raciocínio,

O signo é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa. (BAKHIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p.37).

A palavra constitui um meio de grande importância para a consciência individual. Ela possui, conforme Bakhtin/Volochínov, o papel de material semiótico do discurso interior que possibilita o desenvolvimento da consciência do sujeito. Por isso, o autor afirma que a relação entre a consciência individual e a palavra interior é um problema intrínseco à filosofia da linguagem.

É preciso compreender que a palavra se apresenta nestas ideias como signo social, e não como elemento linguístico abstrato, a exemplo do que define a orientação do objetivismo, ao desconsiderar a relação entre língua e sociedade, ideologia, cultura, história, pois o autor mencionado considera que todo ato de criação ideológica é acompanhado da palavra.

Ao estabelecer a relação entre signo e sociedade, Bakhtin/Volochínov intenta definir a realidade dos fenômenos ideológicos de forma diferenciada das teorias de sua época, considerando todo fenômeno como signo ideológico que funciona por meio de uma encarnação material, seja esta um som, massa física, cor, movimento, ou outra materialidade (SILVA, 2011).

Seguindo esse pensamento bakhtiniano, é possível afirmar que os processos de compreensão dos fenômenos ideológicos não ocorrem de forma autônoma em relação ao discurso interior. Se, de um lado, não se pode separar totalmente a ideologia do discurso, de outro lado, a palavra não pode substituir inteiramente o signo ideológico, pois nem todas as formas de semiose podem ser expressas por meio da palavra.

Todavia, embora nenhum signo ideológico seja substituível por palavras, ele se apoia e é acompanhado por elas, como no caso do canto e de seu acompanhamento musical (BAKHIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010). Nessa perspectiva, o signo ideológico dotado de sentido nunca se separa da consciência construída no processo de comunicação verbal social, considerando que

Toda refração ideológica do ser em processo de formação, seja qual for a natureza de seu material significante, é acompanhada de uma refração ideológica verbal, como fenômeno obrigatoriamente concomitante. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p.38).

Para o referido autor, todos os atos de compreensão e interpretação pressupõem a presença da palavra. Ademais, ele considera que a perspectiva marxista deve perceber a filosofia da linguagem enquanto filosofia do signo, para desenvolver uma análise concreta sobre a estrutura ideológica social.

A fundamentação bakhtiniana intenta, com bases sociológicas, compreender o signo ideológico enquanto aspecto fundamental para a constituição da consciência humana e para o fenômeno da enunciação no processo de interação verbal entre sujeitos. Tal relação possui associação direta com subjetividade e alteridade, temas abordados na seção seguinte.

### **Subjetividade e alteridade**

Subjetividade e alteridade são conceitos fundamentais no pensamento enunciativo de Bakhtin e o Círculo. Em sua obra, Bakhtin se volta para a existência do sujeito concreto e concebe que a unicidade do indivíduo emerge na ação, no seu ato responsável.

Para o Círculo, o sujeito possui três características essenciais: constituição psíquica relativamente fixada, onde sua consciência se modifica nas interações com outrem; marcas de aspectos sócio-históricos em sua subjetividade, que se integram à sua identidade no reconhecimento do *eu* pelo *outro*; atividades avaliativo-valorativas diante de ações responsáveis, cujas coerções sociais participam da constituição de sua identidade (SOBRAL, 2009).

Nesse sentido, as ideias bakhtinianas se contrapõem às concepções idealistas e abstratas de subjetividade que limitam o sujeito a um ser absoluto, desconsideram a relação eu-outro, a natureza social da palavra, e defendem que a consciência do sujeito deriva apenas do psicologismo.

Para Bakhtin, o ato concreto não pode ser vivenciado pelo sujeito, senão na relação com o *outro*. Só os lábios do *outro* o *eu* pode tocar com seus lábios, só no *outro* o *eu* pode pousar as mãos, só o *outro* pode ser afagado pelo *eu* por completo, de corpo e alma (BAKHTIN [1979] 2010).

É evidente, esclarece o autor, que aí se abstraem os elementos sexuais que turvariam o caráter puro da estética desses atos, tomando-os como reações vitais de todo ser, a quem se abraça ou afaga, também, a alma presente nele quando se abraça e afaga o corpo.

Bakhtin não percebe o sujeito como um ser criador do todo enunciativo. Ele argumenta que a incompletude do enunciado reflete a incompletude dos sujeitos sociais, históricos, ideológicos e discursivos; até o lado mais individual do sujeito é formado pela via das relações sociais.

Nesse sentido, Bakhtin demonstra que é impossível definir a posição do sujeito sem correlacioná-la com outras posições. Por isso,

Cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva. [...] os enunciados dos outros podem ser recontados com um variado grau de reassimilação; podemos simplesmente nos basear neles como em um interlocutor bem conhecido, podemos pressupô-los em silêncio [...] na seleção de recursos linguísticos e entonações, determinada não pelo objeto do próprio discurso mas pelo enunciado do outro sobre o mesmo objeto. (BAKHTIN [1979] 2010, p.297).

Nessa perspectiva, compreende-se a língua como um instrumento de interação social que só existe em sua concretude; o discurso possui natureza dialógica, onde o interlocutor sempre se comporta de forma ativa.

“Essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante” (BAKHTIN, [1979] 2010, p.271). Nesse contexto, considera-se que todo enunciado precede de alguém e se dirige para alguém, oferecendo a oportunidade de compreensão, interpretação, resposta.

O autor mencionado afirma que o ouvinte com sua compreensão passiva não corresponde ao sujeito que participa da real comunicação discursiva. Nesse ângulo, a noção de compreensão responsiva ativa constitui a base do movimento dialógico no processo enunciativo; o sujeito enuncia em relação ao seu interlocutor, incutindo-lhe uma postura ativa ao avaliar, previamente, seu posicionamento no contexto sócio-cultural da enunciação.

Dessa maneira, o sujeito bakhtiniano é um ser de ações concretas, em contrapartida às concepções do subjetivismo idealista e do objetivismo abstrato. O indivíduo se constitui em relação ao outro, na interação com outros discursos e sujeitos. Nessa linha de pensamento, o dialogismo se apresenta como princípio

constitutivo do sujeito e dos seus princípios de ação; o indivíduo apreende as vozes sociais que percorrem a realidade heterogênea na qual ele está inserido.

Com isso,

assim como dependem do ambiente social e histórico para existirem, a ideologia e o psiquismo constituem esse mesmo ambiente. Esse é um aspecto da dialética materialista que é uma das bases do dialogismo bakhtiniano, fundamento constitutivo não apenas dos discursos como da própria linguagem e mesmo do agir humano. (SOBRAL, 2009, p.48).

Nessa linha de pensamento, Bakhtin compreende o sujeito como um ser constitutivamente dialógico, imerso em um processo ininterrupto de “vir a ser”, cujo mundo interior possui caráter de incompletude e é preenchido por diversas vozes em relações de concordância ou discordância que percorrem as interações dialógicas.

Conforme Bezerra (2010), o discurso do sujeito se define pela convivência e interação de multiplicidade de vozes e consciências, onde a enunciação representa uma retomada de inumeráveis enunciações que a precedem. Isto implica enunciar a voz de outrem por intermédio da própria voz, sem explicitar a fonte.

Este autor ainda afirma que as personagens que povoam o universo romanesco na ótica da polifonia estão em permanente evolução, pois o dialogismo e a polifonia estão vinculados às diversas facetas do universo romanesco traduzidas nos dizeres da vida social, cultural e ideológica representada.

Nesse contexto, a filosofia de Bakhtin pode ser considerada uma “filosofia humana do processo”, pois concebe que cada sujeito é formado por uma sucessão de atos concretos, singulares, irrepitíveis, que possuem características comuns a outros atos e não deixam de ser únicos, ou diferentes dos outros (SOBRAL, 2009).

Portanto, são as relações sociais de que participam o indivíduo que constituem a sua própria subjetividade. E essas interações verbo-sociais constroem as concepções, percepções individuais, e a historicidade do ser. De acordo com Francelino (2007), essa atmosfera social é totalmente heterogênea e, por isso, o sujeito que se move dentro dela é resultado dos pontos de vista diversos que circulam nesse espaço social.

Entretanto, vale salientar que o sujeito bakhtiniano não é totalmente submisso às estruturas sociais, e nem é uma subjetividade autônoma, independente, em relação ao meio em que vive, pois o processo de compreensão de si realiza-se, apenas, através da alteridade, pelas percepções dos valores de outrem.

Ao agir, o sujeito promove a união entre o que é regulado pelo meio social e o que é realizado no âmbito individual, por meio de uma avaliação valorativa do outro e sobre o como esse outro reage diante do seu ato responsável, considerando a complexidade do contexto sócio-cultural onde o indivíduo está inserido.

Por isso, o processo de produção linguística sempre implica na manifestação da alteridade, que corresponde a sujeitos concretos cujas individualidades são constituídas durante os usos da linguagem, no contexto específico de uma estrutura social e dos valores atribuídos em suas inter-relações pessoais.

Assim, conforme Sobral (2009), o mundo está no sujeito, do mesmo modo como o sujeito está no mundo, pois o ato responsável do indivíduo altera o mundo onde ele está inserido e esse ser também é alterado por esse mundo. Isso nos permite afirmar que o social e o individual são elementos inerentes aos próprios discursos, à própria linguagem, aos próprios atos.

Em outras palavras, o indivíduo se reflete, se constrói no outro, e, nesse processo, o sujeito também se modifica, constantemente, por meio das palavras, dos signos ideológicos, das interações estabelecidas com outros sujeitos, opiniões e pensamentos que trazem a alteridade e constituem a identidade do ser.

“Para Bakhtin e o Círculo, cabe ao sujeito mediar um processo que, enquanto define sua identidade em meio à sua interação com outros agentes, dele depende para sua própria constituição” (SOBRAL, 2009, p.53). Nesse ângulo, resgata-se a ação individual de um poder social que poderia suprimir este ato indispensável para as inter-relações entre discursos e sujeitos que constituem a própria sociedade, sem a qual não existiria este ser responsável e concreto.

Vale salientar que essa interlocução entre sujeitos ocorre por meio da enunciação, do discurso. Nesse processo, a palavra emerge carregada de valores construídos no meio social, exercendo a função de elo entre os interlocutores. Apesar de representar um entrelaçamento de diversos pensamentos e dizeres, o discurso sempre é algo irrepetível, pois, na sua forma atual, elaborada no âmbito da subjetividade do ser, ele nunca existiu.

Assim, ao mesmo tempo em que o sujeito enuncia em função do outro inserido no contexto de uma organização social, ele constrói, na sua individualidade, discursos que não se submetem, totalmente, às formas reguladas pelas relações decorrentes da sociedade.

O sujeito não deixa de ser ele mesmo ao ocupar as diversas posições diante de seus interlocutores; ele exerce o papel de agente mediador inserido na sociedade e na história. Ao mesmo tempo em que não está submetido a elas como um fantoche, o ser não age em isolamento, de si para si, porque não pode situar-se acima da sociedade e da história (SOBRAL, 2009).

No pensamento bakhtiniano, todo sujeito é singular e oferece ao mundo sua posição de autor nas diversas ações praticadas por ele. O sujeito age em relação ao outro; o *eu* e o *outro* constituem dois universos de valores ativos, onde as ações concretas do sujeito realizam-se em um ponto de réplica e tensão entre o *eu* e o *outro*, evocando as particularidades e semelhanças inerentes à subjetividade do ser.

Essa diferença entre indivíduos oferece oportunidade para perceber a presença da subjetividade na enunciação, como ocorre nos debates e diálogos em sala de aula - presencial ou a distância - onde cada aluno contribui com seu ponto

de vista para o desenvolvimento da discussão sobre o tema proposto pelo professor.

Nesse contexto interativo, ao se deparar com a enunciação de outrem, no processo de compreensão e interpretação dos enunciados, o sujeito oferece, ao seu interlocutor, sua contrapalavra dialógica que se encontra carregada pela ideologia que permeia o seu discurso. Bakhtin observa que nossas respostas são elaboradas dialogicamente, na esfera da alteridade: são contrapalavras às palavras de outrem.

É importante ressaltar que a compreensão da palavra do outro não é possível fora da corrente da comunicação verbal, pois a contrapalavra e a palavra possuem associação direta com a entonação e com o tema da enunciação, ou seja, com os sentidos construídos no contexto sócio-histórico onde o sujeito interage com outrem.

Na dialética bakhtiniana, o *eu* se constitui em interação com o *outro*, o qual representa um horizonte sem fim para o *eu*. No *outro*, o *eu* sempre encontra um novo ponto de vista que possibilita a criação e recriação da ideia do próprio *eu*. Portanto, a subjetividade se constrói nesse diálogo entre o *eu* e o *outro*, considerando os diferentes posicionamentos, discursos, experiências e percepções reveladas pelos indivíduos no processo dialógico.

O *eu* vive na fronteira do horizonte da sua própria visão, cujo mundo visível se estende à sua frente. Esse *eu* visualiza, apenas, o que conseguem alcançar seus olhos na direção em que gira a sua cabeça, podendo atingir a visão completa de todo o espaço que o circunda. Mas o *eu* nunca se verá realmente rodeado por esse espaço (BAKHTIN [1979] 2010).

Com isso, vale salientar que a subjetividade não pode ser compreendida por domínios idealistas e objetivistas que se encontram distantes do ato responsável e concreto inerente ao ser, cujo momento é de constante (re)criação ideológica e discursiva, onde as interações com outrem ampliam os horizontes do próprio *eu*.

Diante do exposto, a seção seguinte aborda o discurso de outrem no âmbito da teoria dialógica bakhtiniana.

### **O discurso de outrem**

Vimos que a subjetividade do ser humano constitui-se *na e por meio da* alteridade. Tal concepção torna evidente a importância de refletir sobre as formas como o discurso do indivíduo se constitui no meio social, pela via ininterrupta das interações dialógicas e valorativas com outros discursos e sujeitos.

Ao abordar a teoria da enunciação e problemas sintáticos, na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Volochínov argumenta que o pensamento linguístico contemporâneo à sua época, inerente ao objetivismo abstrato, não contempla uma investigação profunda sobre os problemas sintáticos, limitando-os às percepções sobre aspectos fonéticos e morfológicos.

Entretanto,

Os problemas de sintaxe são da maior importância para a compreensão da língua e de sua evolução, considerando-se que, de todas as formas da língua, as formas sintáticas são as que mais se aproximam das formas concretas da enunciação. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV [1929] 2010, p.146).

O autor afirma que não é possível desenvolver as análises sintáticas do discurso por meio de um sistema abstrato linguístico, pois elas constituem análises da própria enunciação. Dessa forma, ao refletir sobre a realidade fundamental da língua, Bakhtin investiga as formas sintáticas da língua e não prioriza o estudo sobre seus componentes fonológicos e morfológicos.

Nessa linha de pensamento, Bakhtin/Volochínov defende que apenas uma teoria da enunciação possibilita o estudo aprofundado das formas sintáticas. Apenas por meio do estudo enunciativo é possível compreender as formas sintáticas como elementos reais e concretos da língua, pois nenhuma categoria linguística abrange o enunciado em sua completude.

As categorias morfológicas só têm sentido no interior da enunciação, perdendo sua utilidade quando se trata de definir o todo. O mesmo ocorre com a oração, definida apenas como uma unidade da enunciação, em detrimento ao seu caráter global (*ibidem*, [1929] 2010).

Ao demonstrar a limitação das categorias linguísticas no tratamento dos problemas sintáticos do enunciado, Bakhtin demonstra que a aplicação dessas categorias na enunciação completa, construída por apenas uma palavra, reduziria essa palavra a um elemento que não engloba a percepção dialógica da enunciação.

Nesse sentido, ele argumenta que

Não importa que categoria linguística tentássemos aplicar a essa oração, jamais encontraríamos aquilo que justamente a converte em uma enunciação completa. [...] se ficarmos nos limites das categorias gramaticais efetivas da linguística contemporânea, jamais poremos a mão sobre a inacessível enunciação completa. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV [1929] 2010, p.147).

Portanto, as categorias da língua direcionam as investigações para o sistema abstrato objetivo, em contraposição à análise da enunciação em seu sentido mais amplo. Ele explica que essa falha aplica-se, também, aos parágrafos, cuja composição sintática não possui uma forma estável, podendo conter desde uma só palavra até uma quantidade extensa de orações complexas.

Nesse contexto, Bakhtin/Volochínov afirma que a concepção de parágrafo enquanto elemento constituído pela expressão de um pensamento completo não contribui em nada, tendo em vista a amplitude de sua variação sintática. Além disso, não cabe à linguística definir o que seria um pensamento completo no interior de um parágrafo.

Somente a investigação das formas da comunicação verbal e da enunciação completa pode elucidar o sistema dos parágrafos e os problemas da sintaxe. Isto significa que todas as categorias linguísticas deveriam ser repensadas nesse sentido (*ibidem*, [1929] 2010).

Ademais, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Volochínov apresenta uma reflexão sociológica sobre o fenômeno de transmissão do discurso de outrem. Ele define aquilo de que nós falamos apenas como o tema da nossa enunciação, ou seja, o conteúdo que permeia o nosso discurso, pois

O discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação. [...] o discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática como uma unidade integral da construção. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV [1929] 2010, p.150).

O tratamento da enunciação apenas no nível temático do discurso reduz seu caráter a aspectos superficiais. Ele explica que o conteúdo ao qual o enunciador se refere em seu discurso só pode ser referenciado através das suas próprias palavras, ainda que por meio do discurso indireto.

Assim, quando a enunciação passa a unidade estrutural do discurso narrativo, faz parte integrante de sua unicidade temática, na qualidade de enunciação citada que possui o próprio tema (*ibidem*, [1929] 2010). É por meio da sua autonomia que o discurso de outrem se inscreve no contexto narrativo, onde o enunciador assimila a enunciação do outro e preserva, ainda que parcialmente, os vestígios dos elementos que o compõem.

As tentativas abstratas de determinar os limites da fala do eu e do outro não consideram o enunciado imerso na ampla corrente ininterrupta da interação verbal. Mesmo nas línguas modernas, Bakhtin/Volochínov assegura que os aspectos semânticos e estruturais da palavra citada não são dissolvidos no contexto narrativo, onde se mantém a composição do discurso do outro e de sua autonomia.

No entanto, esse fenômeno não se manifesta no diálogo, cuja unidade não pode ser construída por formas sintáticas. Portanto, se o diálogo ocorrer no contexto do discurso narrativo, manifestar-se-á simplesmente como discurso direto, a exemplo do que podemos observar nas citações diretas que permeiam o presente trabalho.

O autor revela que não é suficiente observar esses elementos em si, reduzidos a sua ocorrência empírica. É necessário, pois, tomar esse evento como indicador de tendências básicas da recepção ativa do discurso de outrem em determinada formação social (FARACO, 2009).

Bakhtin/Volochínov ([1929] 2010) questiona: como o sujeito apreende o discurso de outrem? Como o sujeito experimenta a enunciação de outrem na sua consciência, exprimida pelo discurso interior? Como o discurso de outrem é absorvido pela consciência e como ele pode influenciar a construção discursiva do próprio enunciador?

No pensamento bakhtiniano, a *recepção* ativa da enunciação de outrem e sua *transmissão* no interior de um contexto possuem diferenças fundamentais que precisam ser consideradas. Ele afirma que a transmissão enunciativa possui fim específico, dirige-se a alguém, a uma terceira pessoa, seja sob as formas escrita ou oral. E essa orientação social do processo enunciativo influencia, diretamente, o modo como o discurso de outrem é apreendido pelo ser.

Nessa perspectiva, numa situação real de diálogo em sala de aula, por exemplo, quando o aluno responde ao professor ou a outro aluno, durante um debate, ele só retoma em seu discurso as mesmas palavras transmitidas pelo outro se for necessário confirmar a compreensão do seu conteúdo enunciativo. Para Bakhtin/Volochínov, é importante levar em conta todas essas características da situação de transmissão do discurso de outrem.

Evidentemente, esclarece o autor, ainda não é possível afirmar que as formas sintáticas exprimem de maneira direta e imediata as inclinações e maneiras de apreensão ativo-apreciativa da enunciação de outrem, pois

Essas formas são apenas esquemas padronizados para criar o discurso. Mas esses esquemas e suas variantes só podem ter surgido [...] de acordo com as tendências dominantes da apreensão do discurso de outrem. [...] eles exercem uma função reguladora, estimulante ou inibidora, sobre o desenvolvimento das tendências da apreensão apreciativa, cujo campo de ação é justamente definido por essas formas. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV [1929] 2010, p.153).

Nessa linha de raciocínio, a língua não é percebida como produto do psicologismo subjetivista, mas das inter-relações estabelecidas entre indivíduos participantes de uma determinada organização social que abriga o contexto discursivo, histórico, ideológico e apreciativo onde se inscreve o sujeito.

No pensamento do autor, o processo de orientação ativa do falante ocorre nos planos do *comentário efetivo* e da *réplica interior*, objetivados no contexto narrativo ao serem operados pelo sujeito na apreensão do discurso de outrem. Ele questiona: em que direção a dinâmica da inter-relação entre o discurso narrativo e o discurso citado pode ser desenvolvida? O autor aduz que o sujeito se encontra diante de dois aspectos principais: o *estilo linear* e o *estilo pictórico*.

No estilo linear, percebe-se a inclinação da reação ativa ao discurso de outrem no sentido de conservar sua integridade e autenticidade, protegendo o discurso citado da introdução de entoações pertencentes ao enunciador, mantendo seu caráter individual. Nesse caso, a apreensão do discurso de outrem se concentra

muito mais em “o que” é apreendido, em detrimento da maneira “como” o sujeito apreende esse discurso.

No quadro dessa primeira orientação, é conveniente distinguir o grau de firmeza ideológica, de autoritarismo e de dogmatismo que acompanha a apreensão do discurso. Para Bakhtin/Volochínov, o grau de dogmatismo da palavra influencia diretamente a apreciação do verdadeiro e do falso, do bem e do mal, o que implica a apreensão do discurso de outrem pelo ser de forma impessoal.

“Na segunda orientação, o estilo pictórico, a língua elabora meios mais sutis e mais versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV [1929] 2010, p.156). Nessa perspectiva, o contexto narrativo oferece uma reconstrução estrutural do discurso citado, cujos contornos tendem a ser amenizados na enunciação do ser.

O autor ainda afirma que nessa segunda orientação é possível encontrar uma variedade de tipos de apreensão do discurso de outrem, onde o sujeito pode eliminar as fronteiras do discurso citado, empregando as suas próprias entoações, desaparecendo o dogmatismo no quadro apreciativo.

No outro tipo, Bakhtin/Volochínov revela a dominação do discurso pelo discurso citado, considerado mais relevante do que o contexto narrativo que o percorre. Isso implica, segundo o autor, em uma dissolução do contexto narrativo, que perde sua objetividade comum diante do discurso citado e passa a ser percebido como fala de outra pessoa.

Diante disso,

Se a ofensiva do contexto narrativo contra o discurso citado traz a marca de um idealismo ou de um coletivismo discretos no que diz respeito à apreensão do discurso de outrem, a decomposição do contexto narrativo testemunha uma posição de individualismo relativista na apreensão do discurso. Nesse último, à enunciação citada subjetiva opõe-se um contexto narrativo que comenta e replica e que se reconhece como igualmente subjetivo. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV [1929] 2010, p.159).

Ademais, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, ressalta-se que as peculiaridades dos fenômenos linguísticos devem ser levadas em conta durante o estudo de todas essas tendências sobre a apreensão ativa do discurso de outrem. A abordagem de Bakhtin/Volochínov, em *MFL*, remete à ideia de uma sintaxe enunciativa, elemento incomum no pensamento abstrato sobre linguagem.

Percebemos, então, que o modo como o discurso é ordenado em uma sociedade demonstra a forma como suas práticas ideológicas são organizadas, a exemplo da religião, direito, educação, entre outros. Destarte, é importante levar em consideração a posição hierárquica que o discurso citado ocupa no meio social, pois, quanto mais alta for sua hierarquia, mais evidentes serão os seus contornos

no comentário efetivo e na réplica interior quando o sujeito se aprecia e se apropria do discurso de outrem.

Com isso, vimos que é possível conceber os conceitos abordados neste trabalho sob uma ótica filosófica e reflexiva do ser e do agir humano. A seguir, apresentamos nossas considerações finais acerca do presente estudo.

### Considerações finais

O dialogismo bakhtiniano é, essencialmente, uma filosofia da linguagem (CLARK; HOLQUIST, 2008). Em sua obra, Bakhtin se preocupa, entre outros aspectos, com a análise dos enunciados e do funcionamento real da linguagem, e não somente o sistema virtual que “permite” esse funcionamento.

Nessa perspectiva, percebemos que as relações dialógicas não podem ser separadas da língua como fenômeno integral e concreto; no diálogo, o enunciado encontra-se imerso em uma cadeia verbal ininterrupta e sempre se relaciona com outros enunciados, discursos que o precedem e o sucedem.

Não são as unidades da língua (sons, palavras, orações) que são dialógicas, mas os enunciados. Conforme apresentado, para Bakhtin ([1979] 2010), a oração, enquanto unidade linguística, não possui associação com enunciados de outrem e não determina a posição responsiva do outro falante. Enquanto unidade da língua, ela possui apenas natureza gramatical, fronteiras gramaticais, lei gramatical e unidade.

Essa noção de dialogismo indica o conceito de linguagem bakhtiniano e evidencia a sua filosofia antropológica. Cada enunciado constitui um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados, onde o discurso do sujeito sempre é perpassado por ideias oriundas de outros discursos (*ibidem* [1979], 2010).

Nessa linha de raciocínio, compreendemos o dialogismo bakhtiniano como as relações de sentido que se estabelecem entre enunciados. As palavras que permeiam o discurso se relacionam com palavras alheias e o discurso do outro constitui as ideias expressas pelo próprio enunciador.

Como ressaltamos no presente estudo, todo enunciado é considerado dialógico, uma unidade real, delimitada pela alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, mesmo que o *dixi* percebido pelos ouvintes quando o falante termina seja silencioso (BAKHTIN [1979] 2010).

Ademais, conforme o autor mencionado, salientamos que a palavra, em si mesma, não pertence ao sujeito, embora possa servir a qualquer falante de acordo com suas necessidades comunicativas. Ela ainda pode existir para o ser como palavra *alheia*, pertencente a outrem e carregada de outros enunciados, assim como *minha* palavra, tendo em vista que eu a utilizo em contextos específicos de interação social.

Nessa perspectiva, a enunciação implica em um diálogo com a palavra de outrem e caracteriza-se pelo posicionamento do ser como enunciador de diversas vozes que alimentam o processo dialógico discursivo. Concebemos, assim, o

dialogismo como o processo que se manifesta na polifonia por meio dos diversos enunciados e signos ideológicos que percorrem e constituem o discurso do sujeito.

- BAKHTIN, M. M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). [1929]. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAKHTIN, M. M. **O enunciado como unidade da comunicação discursiva. Diferença entre essa unidade e as unidades da língua (palavras e orações)**. In: BAKHTIN, M. M. [1979]. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BEZERRA, P. **Polifonia**. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.
- FRANCELINO, P. F. **A autoria no gênero discursivo aula: uma abordagem enunciativa**. 2007. 230f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2007.
- PONZIO, A. **O debate entre o estruturalismo linguístico e a dialogia bakhtiniana sobre o conceito de linguagem**. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. *Círculo de Bakhtin: Diálogos in possíveis*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. (Série Bakhtin: inclassificável. v. 2.).
- SILVA, R. M. O. **O signo ideológico na filosofia marxista da linguagem**. In: ALMEIDA, M. F. (Org.) *Bakhtin/Volochínov e a filosofia da linguagem: ressignificações*. Recife: Bagaço, 2011.
- SILVA, T. C. G.; VASCONCELOS, G. P.; MORAIS, D. S. **A interação verbal: uma leitura de Marxismo e Filosofia da Linguagem de Mikhail Bakhtin/Volochínov**. In: ALMEIDA, M. F. (Org.) *Bakhtin/Volochínov e a filosofia da linguagem: ressignificações*. Recife: Bagaço, 2011.
- SOBRAL, A. **Filosofias (e filosofia) em Bakhtin**. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.
- ZANDWAIS, A. **Bakhtin/Volochínov: condições de produção de Marxismo e Filosofia da Linguagem**. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2010.

---

## Para citar este artigo

---

VASCONCELOS, GREGÓRIO PEREIRA DE. Signo Ideológico, Subjetividade e Discurso de Outrem: Um Estudo Sobre a Teoria Enunciativa de Bakhtin e o Círculo Macabéa – **Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 2., n. 1., Jun. 2013, p. 50-66.

---

## O Autor

---

Doutorando em Linguística pelo PROLING/UFPB (2012). Mestre em Linguística pelo PROLING/UFPB. Especialista em Língua Portuguesa pelo PROLING/UFPB. Graduado em Letras - Inglês pela UFPB. Professor da Faculdade Potiguar da Paraíba. Coordenador de Tutoria I da UFPB Virtual. Tutor a Distância da UFPB Virtual. Desenvolve trabalhos, estudos e pesquisas sobre Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa, Leitura e Produção Textual, Teoria Dialógica do Discurso, Análise de Discurso e Educação a Distância.